

# JORNAL DO FUNDÃO

## Os repastos

Crónica por **ORLANDO NEVES**

ANO XXIII — N.º 1118  
16 DE JUNHO DE 1968  
Editor e Proprietário: António Paulouro  
Redacção, Administração e Oficinas: FUNDÃO — Telef. PBX 52211

SEMANÁRIO  
DIRECTOR — ANTÓNIO PAULOIRO

DELEGAÇÕES  
COVILHA — R. Visconde da Coriscada, 116 — Telef. 23623  
CASTELO BRANCO — Rua 5 de Outubro, 2 — Telef. 774

**1\$50**

### Crónica dos Andes

## Estanho, aviões, créditos & C.ª

Acaba de reunir-se em La Paz o Conselho Internacional do Estanho com a presença dos delegados dos principais países produtores e consumidores daquele mineral.

No dia da penúltima reunião, uma carga explosiva destruiu parte do edifício onde se realizaram as sessões. Milagrosamente nenhum dos delegados sofreu mais que o susto, mas o tremendo estrondo que fez alertar a cidade veio de novo fazer lembrar o que o estanho representou no passado, e hoje mais do que nunca representa de importante, mas também de doloroso, para a economia boliviana.

A crónica dos Andes, que hoje temos o gosto de publicar, foi-nos mandada pelo nosso assinante na Bolívia sr. dr. M. F. Pereira Ramos. Economista, director de uma importante empresa industrial e comercial em La Paz, o dr. Pereira Ramos frequentou a Escola Comercial e Industrial de Castelo Branco e depois, ajudado apenas pela sua inteligência e qualidades de trabalho, licenciou-se em Ciências Económicas e Financeiras. A apreciação dos problemas daquela tão falada «egípcia do mundo» revestiu-se, por fim, de testemunha idónea e presencial, de inulgar interesse.

A exploração do estanho na Bolívia data do tempo da ocupação espanhola mas tomou o seu maior impulso a partir de meados do século passado em que o essencial das explorações passaram às mãos dos célebres Rothschild, Aramayo e sobretudo Simon Patiño conhecido por «Barão do Estanho». Todos eles tiveram o grande mérito de impulsionar decisivamente a indústria mineira boliviana, mas o aspecto negativo da sua obra encontra-se no facto de nem sempre terem tomado em conta os interesses nacionais, já que grande parte dos formidáveis lucros conseguidos foram levados ao exterior, quando poderiam ter sido extremamente úteis para o desenvolvimento económico do país.

A revolução de 1952 veio modificar totalmente este estado de coisas. Com efeito, em 31 de Outubro desse mesmo ano, foi assinado o decreto que nacionalizou grande parte das minas e com ele nasceu a grande esperança de

que, passando aquelas às mãos do Estado, o país poderia finalmente usufruir todas as vantagens de possuir tão grande riqueza no seu território.

A nacionalização das minas representa realmente um marco transcendente na história da Bolívia, mas não trouxe na prática os resultados prometidos e que o povo boliviano tão ansiosamente esperava. O ideal da revolução não tardou a ser prejudicado pela inexperiência dos governantes e pela acção nefasta de uns quantos, que se aproveitaram da situação em benefício dos seus interesses pessoais. O organismo estatal encarregado da gestão das minas foi completamente invadido pela burocratização e pelos amigos dos donos do Poder que aí buscavam refúgio e compensação material. O fracasso económico da nacionalização foi facto consumado pelo que não só não melhorou a situação dos trabalhadores mineiros como também se elevaram demasiado os custos de produção. Esta situação, que se manteve, veio mais tarde a ser agravada pela pronunciada descida das cotações do estanho nos mercados internacionais. Para minorar a gravidade do problema e reduzir os enormes prejuízos com a exploração do estanho, o governo do General René Barrientos, triunfador da revolução de 4 de Novembro de 1964, decidiu baixar os salários dos mineiros como medida transitória até que se registasse uma melhoria da situação.

E porquê baixarmos os preços do estanho? Ao contrário do que sucede com a maior parte das matérias primas, a comercialização do estanho encontra-se protegida por um interessante sistema que, em condições normais, deve assegurar uma certa estabilização das cotações. O Conselho Internacional do Estanho administra reservas deste mineral que constituem o chamado «buffer stock» que, agindo como «tampão», evita que se produzam

flutuações demasiado pronunciadas nos preços internacionais do estanho. Assim, quando a procura excede demasiado a oferta com provável subida acentuada dos preços, o Conselho intervém e lança no mercado as suas reservas. Desta forma se defendem os interesses do consumidor. Em situação oposta, quando a produção não encontra suficiente procura, o gerente do «Buffer Stock» adquire os excedentes com intenção de assegurar aos países produtores preços internacionais remuneradores.

O sistema, teoricamente certo, deveria funcionar sem atritos se um factor externo, independente do Conselho Internacional do Estanho, não estivesse intervindo, desde há alguns anos, de forma decisiva no jogo de oferta e procura tornando infrutíferos, ou quase, os mecanismos acima indicados.

Durante a última guerra e mercê duma política de congelamento de preços, os Estados Unidos constituíram grandes reservas estratégicas de estanho que compraram aos países produtores.

(CONTINUA NA 6.ª PÁGINA)

### ANIMATÓGRAFO

## Para mais alguns dólares

O que são, afinal, os «westerns» europeus, mais designadamente, os «westerns» italianos? Primeiro que tudo, um negócio que se tornou rendoso numa cinematografia nacional em crise. Um público que volta as costas aos clássicos e não recebe bem a nova geração vira-se para os Corbucci e para os Leone. Estes «westerns» têm audiência e fazem-se rapidamente, com um orçamento mínimo. Porquê matar

## À margem de O DELFIM

(entrevista com JOSÉ CARDOSO PIRES)



Cardoso Pires no lançamento de O Delfim: o escritor não é bicho de gabinete.

Cocktail no Teatro Villaret. A Moraes Editora apresenta O Delfim, novo romance de José Cardoso Pires, e, simultaneamente,

a nova colecção «A Marca do Tempo».

O foyer do Teatro é centro de convívio: reúnem-se, conversam, contactam escritores (Alexandre O'Neill, Alvaro Salema, Palla e Carmo, Blanc de Portugal, Teresa Horta, Carlos de Oliveira, Júlio Moreira, Gaspar Simões), jornalistas e directores de jornais (A. Ruella Ramos, Guilherme Pereira da Rosa, Francisco Balsemão, António Paulouro, Francisco Mata, Baptista Bastos), professores universitários (Jacinto Prado Coelho, Dias Marques, Pe. Manuel Antunes, Miller Guerra), pintores (João Abel Manta, Sá Nogueira), actores (Carmen Dolores, Fernando Gusmão, Rui de Carvalho, Solnado, Maria do Céu Guerra), diplomatas (Ana Candiago e Prof. Ricardo Aventini, do Instituto Italiano; Otto Lara Rezende, adido cultural da Embaixada do Brasil; Fernando Moran, secretário da Embaixada de Espanha), homens da banca (drs. Manuel Jacinto Nunes, José Riquette, Filipe Nobre Guedes, José Raposo de Magalhães, Vasco Vieira de Almeida, Artur Cupertino de Miranda, Almeida Fernandes), editores, arquitectos, gente da rádio e da música ligeira.

O facto quase roça o insólito: nunca se viu reunião tão heterogénea a propósito do lançamento de um livro de um escritor português vivo, aqui ao nosso lado, cansado, fumiscando cigarro, copo de whisky na mão. Não há pose, não haverá crónica mundana. Alçada Baptista, em nome da Moraes Editora, agradece a presença dos circunstantes, em duas palavras diz o porquê da reunião. O actor Fernando Gusmão apresenta O Delfim. Rui de Carvalho lê depois um capítulo do romance. A cerimónia, a havê-la, termina aqui. Mas o resto merece registo: um escritor tem à sua volta muita e diversa gente, contrariando a ideia-feita de bicho de gabinete.

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

### POR JOSÉ VAZ PEREIRA

a galinha dos ovos de ouro? A receita simplifica-se de filme para filme e os resultados estão à vista.

Claro que os «westerns» de que falamos não apresentam a

(CONTINUA NA 6.ª PÁGINA)

## A MULHER DA ERVA

UMA CRÓNICA TELEIMPRESA  
POR FERNANDO DACOSTA  
FOTOS DE PACO GARCIA



Evangelina da Costa Pitoni — A mulher da erva...

A mulher sentada na ladeira é o único sinal de vida na paisagem da tarde. A auto-estrada passa longe, no meio dos campos rejuvenescidos nesta época do ano, mas é uma auto-estrada vazia de velocidades e de zumbido de motores — que sempre são um sinal de vida a quebrar solidões, ali, pesadas, naquela pequena povoação surgida uma data de quilómetros depois de Coimbra.

A mulher, a auto-estrada, a povoação são, porém, vulgares, entre muitas ao acaso que o acaso (um pneu furado) nos descobre e revela.

A mulher está entretida a descoser uma saca de serapilheira, num taque-taque repetido de fios rebentados pelos dedos e pelos dentes — ambos velhos e feios. Ao lado há uma cesta velha, arredondada, cheia de erva que a mulher ajeita de vez em quando e revolve por hábito, por ternura.

Ela é a mulher da erva. Chamam-lhe assim (são já poucos os que lhe sabem o nome por inteiro: Evangelina da Costa Pitoni) porque velha e desamparada descobriu o recurso de ir, manhãzinha, pelos campos apanhar ervas que depois dá em troca de qualquer coisa, pouca que ela sustenta-se de quase nada. Uns tostões apenas, que a sopa e a mercearia dão-lha as senhoras de S. Vicente de Paulo. Ela tem só

(CONTINUA NA 6.ª PÁGINA)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## PRÉMIO DA CORAGEM

— quer dar uma sugestão?

A morte de Helena Keller, a admirável mulher cujo exemplo de coragem tantas vezes exaltamos, impõe agora a realização de um novo projecto que por circunstâncias várias há anos temos vindo a adiar: o de saber quais são, nas Beiras, as pessoas que por seu esforço e vontade tenham superado e vencido inferioridades físicas.

Para estímulo, consolação e esperança dos que, tocados pelo infortúnio, se vêem obrigados a lutar semanas, meses, anos, para conseguirem fazer o que a maioria faz naturalmente, vamos

apontar casos de tenacidade e coragem realmente exemplares.

Aos nossos Leitores pedimos que nos digam:

- a) — se conhecem alguém nas condições referidas;
  - b) — se concordam com a designação «Prémio Helena Keller» ou se lembram outro exemplo, mais próximo no espaço, mas igualmente digno de ser recordado a quantos sofrem e se deixam abater pelo desânimo.
- Um simples postal com qualquer dessas indicações, ou ambas, é o que ousamos pedir.

# À margem de O DELFIM

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

gabinete, isolado na sua torre de marfim, longe da vida e de quem nela vive — ou junto, apenas, de seus confrades, em tertúlias que só existem na óptica de literatos menores.

Num breve parêntesis da reunião, puxamos Cardoso Pires para um canto do foyer. Dois whiskys e uma conversa.

— Ora aqui estamos numa situação muito especial. Você há seis anos que não apresenta um original, publica pouco, furta-se à curiosidade dos leitores. Agora surge *O Delfim*. Pode dizer-se que esta apresentação do livro é um acontecimento...

— *Sim, mas isto é a parte posterior ao livro. Um livro é um produto integrado numa indústria, um bem de consumo nas sociedades desenvolvidas. Só assim, e só para isso, se criou a indústria do pocket-book.*

— Qual a tiragem do romance?

— *5500 exemplares.*

— Para o nosso meio é excepcional...

— *Mas em relação a uma sociedade de consumo seria um número bastante baixo. Trata-se de uma edição cartonada no estilo a que comercialmente, na linguagem internacional dos editores, se chama um paperbound. Nos Estados Unidos, na França, enfim..., a estas edições sucedem-se as do grande público, em formato de bolso, por vezes milhões de exemplares...*

— Qual a tiragem maior que teve até hoje?

— *A d'O Hóspede de Job, na Hungria. 50 000 exemplares, já esgotados.*

— O seu editor não prevê uma edição de bolso de *O Delfim*?

— *Impossível. Em primeiro lugar porque aquilo a que entre nós se chama edições de bolso é comercialmente uma distorsão, um eufemismo. Uma edição de bolso não pode ter o preço que justifique a definição — um preço que significa grandes tiragens, dezenas de milhares de exemplares. Em Portugal, por ora, esses limites são fantasiosos. Acresce ainda que eu recebo dos meus editores, de há uns anos para cá, uma mensalidade regular que tem de ser coberta com os direitos dos livros que publico. O montante desses direitos é função do preço de capa. Só com grandes tiragens, em edições de custo baixo, eu podia compensar o que recebo.*

— A tiragem de um livro relaciona-se, obviamente, com a capacidade de consumo e esta conduz-nos por força aos mass media...

— *Eu penso que os mass media são um problema para as sociedades sobredesenvolvidas. Mas mesmo nessas sociedades o livro, e portanto a literatura, entrou ele próprio no circuito dos mass media. É indiscutivelmente um bem de consumo e não um luxo de biblioteca. Por outro lado, o terror apregoado sobre a nefasta expansão da idade da electricidade, como lhe chama Mc Luhan, esse terror é parcial, é sectário. A televisão, a electrónica, a rádio, o disco, da comunicação sonora influenciaram também, no melhor sentido, as estruturas literárias. A oralidade, por exemplo, a imagética, o enriquecimento vocabular e a découpage de planos do romance contemporâneo devem muito a essas técnicas de comunicação. Por outro lado, a indústria electrónica permitiu que se fizesse nos países desenvolvidos uma investigação estilística (conhecida sobre várias designações, como por exemplo a da Poética Matemática, levada a cabo pelos alemães ocidentais) que veio revelar novos ângulos de interpretação da obra literária. Graças a milhares de operações estatísticas até aqui impossíveis de realizar, os soviéticos e os americanos puderam detectar as linhas de criação, os gostos vocabulares e os ritmos da prosa de alguns escritores, sistematizando regras verdadeiramente inesperadas. Esta conquista serviu e está a servir de base de investigação à análise científica do processo de criação e do mecanismo da imaginação. Certos ramos da ciência, como a angeografia, foram enriquecidos com estas descobertas.*

— E o que tem a dizer-nos sobre o seu livro propriamente dito?

— *Como calcula, tenho falado demasiado dele. Depois deste whisky acho que é altura de me separar de um trabalho, de uma aventura e de meia dúzia de personagens com os quais convivi mais ou menos regularmente durante seis anos.*

José Cardoso Pires mostra sinais visíveis de cansaço. Não insistimos. De qualquer modo, temos na memória o que ele escreveu de si e dos seus livros a páginas 109 de *O Delfim*. É esclarecedor e poderá satisfazer a curiosidade dos nossos leitores: «*Nenhum escritor gosta de falar do que escreveu a não ser em ocasiões muito, mas mesmo muito, especiais (...) Vamos deixar em paz as minhas prosas e o prazer que as acompanha pela vida fora.*»

«JORNAL DO FUNDÃO»

Vende-se no Fundão

na PAPELARIA E LIVRARIA  
DO ESTUDANTE